

de Cristal, a figura do destruidor surge sob o nome de Zapparoni, um industrial que fabrica universos de ilusão, símbolo do cinema e da televisão, dos *mass media* em geral, cujas abelhas mecânicas logram colher mais mel em um só dia que todo um enxame durante um ano inteiro. Porém, essas abelhas destroem as flores depois de as terem esvaziado do néctar e possuem, outrossim, o condão de fazer mal aos homens. Os dois romances são meditações sobre o fim do mundo tradicional e cavalheiresco e das guerras leais em que se utilizavam cavalos e combatiam cavaleiros, bem como a entrada num novo ciclo gnóstico, o da técnica universal, o da mobilização total.¹

Falámos dos finais dos seus romances, e principalmente de *Nas Escarpas e Heliopolis*, cujas personagens centrais, após terem combatido em vão contra as hordas ou as massas ou os novos bárbaros, empreendem voo para mundos misteriosos e distantes. Alguns colocam nos rostos máscaras de ouro. Esta viagem e esta máscara podem significar a morte, mas também a entrada num terceiro ciclo, aquele ao qual Joaquim da Flora chamava a era do Espírito Santo, sucessora da do Pai, totalmente encerrada e descrita no Antigo Testamento, e a do Filho, sintetizada no Novo Testamento. Estamos abandonando a estância do signo zodiacal dos Peixes e dirigimo-nos para o do Aquário ou, segundo a interpretação de Jünger, a do Terceiro Testamento. Reinado do Pai significa aqui reinado da Natureza, e reinado do Filho quer dizer reinado do ser humano, que é filho de Deus, ao passo que o advento da Nova Era, a do Espírito Santo, significa a entrada nos tempos da total redenção. Segundo Jünger, são as artes contemporâneas que estão já esboçando os pri-

¹ O problema que aqui se propõe é o da substituição do exército pela indústria, dos soldados-pessoas por material de guerra, o que arrasta a Humanidade à decomposição moral e à decadência. Problema que Ortega aflora em *Espanha Invertebrada*, quando afirma: «Desde há um século que a Europa suporta uma pernicioso propaganda em desprestígio da força. As suas raízes, profundas e subtis, provêm daquelas bases da cultura moderna que se revestem de valor mais circunstancial, limitado e digno de superação. Ela logrou impor à opinião pública europeia uma noção falsa acerca do que representa e é a força das armas. Tem-na apresentado como coisa infra-humana e torpe resíduo da animalidade que persiste no homem. Fez-se da força um contrapeso do espírito ou, quando muito, uma manifestação espiritual de carácter inferior.» Ortega acusa Spencer de ter contraposto ao «espírito guerreiro» o «espírito industrial», ligando a este toda uma «ética industrial» considerada como superior à do guerreiro. A ética industrial é a que hoje nos rege, com tudo que implica o actual totalitarismo, cujo representante mais subtil e perigoso é a personagem principal de *Abelhas de Cristal*, o industrial Zapparoni. O mesmo problema transparece, sobre um fundo mais horroroso e simultaneamente limitado ao mundo industrial, em *Parábola do Naufrago*, de Miguel Delibes.

meiros textos por assim dizer deste Terceiro Testamento. Através da energia atómica o homem firmou um novo pacto com a Natureza, o que pode ser interpretado, como qualquer oráculo, de duas maneiras: pacto que nos funde definitivamente com as forças telúricas e materiais, mas das quais poderemos ressurgir no termo do milénio, entendido este como crepúsculo do homem, com o objectivo de emprendermos um último voo espiritual para o céu da ressurreição do espírito, que pode ser um «mais além da morte ou da vida», tal como hoje a concebemos.

Nenhum escritor contemporâneo teve como Jünger a possibilidade de formular esta conclusão, simultaneamente optimista e pessimista, porquanto, se estamos a buscar a salvação no super-homem, não há sinais visíveis de que este já haja aparecido no meio de nós. Contudo, se contemplarmos *Guernica*, de Picasso, ou *O Cavalo Errante*, de Kokoschka, ou qualquer outro grande quadro dos grandes pintores dos começos do século, encontraremos a mesma procura, apesar de todos os matizes que podem separar estes dos romances de Jünger. Picasso é um sensitivo que regista as cores da tormenta e também o que acontece ao homem submetido ao seu impacto, ao passo que Jünger é como um médico consciente da gravidade da crise que descreve.

Passámos a outro tema, o dos Parsees, minoria radical e religiosa que praticava a antiga religião dos Persas e que escolheu o exílio quando o Crescente se apoderou da sua pátria. Desde então os Parsees vivem na Índia, mas também em outros países do Oriente e do Ocidente, sempre fiéis às suas tradições, tribo esotérica, guardiã de uma fé veneranda. A principal personagem feminina de *Heliopolis*, a que se enamora de Lucius de Geers, é uma parse que dá testemunho do que perdura, apesar e através de tudo, mesmo da história, da fé em inalteráveis valores espirituais.

É quase noite. Acenderam-se as lâmpadas. Falámos da casa que é antiga e muito sólida. Visitámo-la em pormenor. Há divisões, salas, em que reinam os livros, fotografias de amigos ilustres, quadros, colecções de insectos ou de plantas. Voltámos a abordar o tema do que um escritor tem de saber para lograr transmitir uma imagem verídica, fiel, das coisas e para não trair os seus. Evocámos Knut Hamsun, Panait Istrait e Máximo Gorki autodidactas que se deixaram atrair pelo comunismo. Os seus destinos foram trágicos. Hamsun acabou na Noruega na sua velhice como partidário do nacional-socialismo, Istrait na sua Roménia natal como simpatizante de um grupo da extrema-direita, ao passo que Gorki, que só demasiado tarde se apercebeu da verdade, foi assassinado por Estaline